

A AULA DE DANÇA*

Natacha Costa

É numa sala de ensaio que foi representado Mãe Tzé Tzá, o que só veio a dar ainda mais profundidade a esse espetáculo ao qual já não faltava. Na verdade, esta sala onde os figurinos habituais permaneceram visíveis, foi plantado perfeitamente o cenário para esta criação de Célia Gouvêa, que exprime toda a complexidade das relações mestre/aluno no meio da dança. À maneira de Degas, a coreógrafa e intérprete do papel do professor encarnou a bailarina. O corpo está pintado na sua realidade como nas obras do pintor. A certos momentos, a bailarina, interpretada por Vânia Vaneau, se assemelha à uma figura do balé clássico, Copélia, por seus gestos mecânicos guiados pelo professor. Mas se ela usa um tutu no início do espetáculo, é de modo burlesco, sobre uma música de marcha de carnaval ao som de batidas de tambor. Estamos na verdade longe da aula de dança clássica. Nada de pontas para calçar os pés descalços das duas bailarinas, e no entanto as fitas rosa são lembradas (ironicamente?) pelo aluno quando ela dilacera suas pernas com uma corda amarrada de maneira acadêmica. Assim como os deslocamentos no espaço não estão regrados geometricamente à maneira do balé, mas a bailarina traça mesmo assim com giz cada um de seus movimentos sobre o chão. Em outros momentos, a aula de dança se apaga inteiramente para nos mergulhar no coração da África: o professor assume o aspecto de um velho feiticeiro exercendo sua magia negra, ao ritmo de uma música selvagem. Lembrança das origens rituais da dança?

E portanto à uma demonstração da riqueza das possibilidades oferecidas pela dança contemporânea que nos convida esse canteiro coreográfico: passos clássicos, ritmos africanos, expressividade teatral, reflexão irônica... Preservando sem cessar a emoção simples de uma carícia.

Mãe Tzé Tzá (Um canteiro coreográfico). Théâtre du Soleil, Cartoucherie de Vincennes.

* In: **Magazine Les Saisons de la Danse**, Paris, p. 17, fev. 2000. [Tradução de Célia Gouvêa].